



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS- INGLÊS**

JOSEANE BATISTA DE PAULA CARVALHO COSTA

**ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM LÍNGUA
INGLESA DE ALUNOS DA GRADUAÇÃO**

**GUARABIRA
2018**

JOSEANE BATISTA DE PAULA CARVALHO COSTA

**ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM LÍNGUA
INGLESA DE ALUNOS DA GRADUAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras- Inglês.

Área de concentração: Letramento e ensino.

Orientadora: Prof^a. Esp. Karla Valéria Araújo Silva

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837a Costa, Joseane Batista de Paula Carvalho.
Algumas reflexões sobre as práticas de letramento em
língua inglesa de alunos da graduação [manuscrito] : /
Joseane Batista de Paula Carvalho Costa. - 2018.
34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Letramento. 2. Língua Estrangeira. 3. Leitura e escrita.
4. Língua inglesa. 5. Ensino superior.

21. ed. CDD 372.4

JOSEANE BATISTA DE PAULA CARVALHO COSTA

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM LÍNGUA
INGLESA DE ALUNOS DA GRADUAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em Letras- Inglês.

Área de concentração: Letramento e
ensino.

Aprovada em: 08/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Profª. Esp. Karla Valéria Araújo Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Rafael Alves de Oliveira (1º Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (2ª Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, pelo incentivo, paciência e apoio,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Karla Valéria, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai e minha mãe, pelo tempo e recursos investidos nessa jornada.

Ao meu irmão, pelas diversas caronas, no sol ou na lama (melhor trilheiro do mundo!).

Às minhas tias Bina, Kita e Miga (pen drives salvam vidas!).

Aos professores do Curso de Letras Inglês da UEPB, que contribuíram ao longo de quatro anos e meio, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores Rafael Oliveira e Clara Vasconcelos, por comporem a banca examinadora e pela disponibilidade em avaliar este trabalho.

Aos funcionários da UEPB, pessoal da coordenação, equipe Teju-Açu e os amarelinhos (agora azulinhos), por todos os bons dias, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, pelo companheirismo e apoio.

Por último e mais importante, ao meu Deus, pela oportunidade de viver essa jornada e ter me sustentado até aqui.

“O homem cultivado, isto é, aquele ser que se preocupa com a sua formação, com a sua humanização, vive com seus livros. Os seus livros fazem parte dele, o exprimem e ele aprende a se exprimir a partir de suas leituras. A leitura de um livro tem caráter ambivalente, pois é a expressão do homem e atua na formação do homem”.

Anselmo Pessoa Neto

RESUMO

Muitos autores em diferentes países estudam o letramento em suas respectivas comunidades de falantes nativos. No presente trabalho, veremos o letramento sob uma perspectiva geral e também específica, pois nosso principal objetivo é observar a relação dos alunos de graduação em Letras- Inglês com as práticas letradas em uma língua estrangeira (LE). Para tanto, iremos fazer, inicialmente, algumas considerações teóricas sobre o conceito de letramento de modo a entender de forma geral esse fenômeno. Depois, faremos uma breve discussão sobre o letramento dentro e fora do âmbito escolar; em seguida, veremos o fenômeno do letramento na esfera acadêmica e alguns fatores que podem influenciar o nível de letramento acadêmico de um estudante. Logo após, será debatido sobre o letramento em língua inglesa como língua estrangeira no contexto do ensino superior brasileiro, abordando a questão da importância da leitura e da escrita em LE. Por ser de cunho quantitativo-interpretativo, traremos, por fim, os resultados de uma pesquisa de campo realizada com dois grupos de alunos do segundo e sétimo semestres do curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba- Campus III. Tal pesquisa teve como intuito analisar, a partir de um questionário aplicado, a relação dos alunos com a leitura e a escrita, para assim verificarmos o nível de letramento que esses discentes apresentam em inglês.

Palavras-Chave: Letramento. Língua Estrangeira. Leitura e escrita. Língua inglesa. Ensino superior.

ABSTRACT

Many authors in different countries study literacy in their respective communities of native speakers. In this work, we will see literacy under a general and specific perspective as our main goal is to observe the relation of the students of Letras-Inglês course with the literate practices in a foreign language. Therefore, primarily we will have some theoretical considerations about the meaning of the term literacy so we will have a general understanding of this phenomenon. In a second moment, we will do a brief discussion about literacy in and out the school environment; next, we will discuss about literacy in the academic world and some factors that may influence the level of academic literacy of a student. Then, we will discuss about literacy in English as a foreign language in the context of the Brazilian higher education/colleges, talking also about the issue of the importance of reading and writing in a foreign language. Because this work is at the same time quantitative and interpretative, for the last, we will have the results of a research made with two groups of students of the second and seventh semester of the Letras-Ingês course from Universidade Estadual da Paraíba- Campus III. The research goal was to analyse, through a questionnaire, the relation of students with reading and writing, so we could verify the level of literacy that the students present in English.

Keywords: Literacy. Foreign language. Reading and Writing. English Language. Higher Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. O FENÔMENO DO LETRAMENTO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2.1 O LETRAMENTO FORA DO ÂMBITO ESCOLAR	12
2.2 O LETRAMENTO NO CONTEXTO ACADÊMICO	13
2.1.1 O baixo nível de letramento e a prática do plágio acadêmico	15
3. O LETRAMENTO EM CONTEXTO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO SUPERIOR	16
3.1 O LETRAMENTO EM LE DE ALUNOS DA GRADUAÇÃO	18
3.1.1 Caracterização da pesquisa	18
3.1.2 Análise e discussão dos dados	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	36

1 INTRODUÇÃO

Ao observar as diversas pesquisas existentes sobre o letramento, percebemos que a maioria dos autores estuda esse fenômeno em comunidades de falantes nativos de uma determinada língua. A partir das palavras de Soares (1999), entendemos que o indivíduo que vive em estado de letramento é aquele que usa socialmente a leitura e a escrita. Para a realização do nosso trabalho, expandimos esse conceito de letramento com vista a abranger o uso social da leitura e escrita em inglês, que será o nosso foco.

A presente pesquisa se faz de suma importância, pois abre novos horizontes em meio a uma área ainda pouca explorada, haja vista a dificuldade de encontrar trabalhos sobre a vertente específica aqui desenvolvida. Buscamos estabelecer precedentes e chamar atenção para o tema aqui trabalhado com a intenção de que no futuro possamos ter mais material científico desenvolvido. O principal objetivo da nossa pesquisa é investigar se e como os alunos do curso de Letras-Inglês vivem em estado de letramento. Buscaremos compreender o que vem a ser o fenômeno do letramento, entender que existem diferentes níveis de letramento, refletir sobre o fenômeno do letramento em língua estrangeira e analisar os diferentes níveis de letramento em inglês de graduandos do curso de Letras-Inglês.

Para tanto, nossas discussões serão articuladas da seguinte maneira: inicialmente, veremos algumas considerações teóricas sobre letramento; em seguida, iremos discorrer sobre o fenômeno do letramento no contexto acadêmico; depois, veremos o letramento em língua inglesa como língua estrangeira no contexto de ensino superior e, por último, observaremos uma pesquisa realizada com alunos do curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba-Campus III, bem como os resultados obtidos.

A pesquisa a ser desenvolvida é de cunho quantitativo-interpretativa. Em um primeiro momento, iremos nos debruçar sobre as pesquisas de autores que trabalham com o tema aqui abordado, dentre eles: Kleiman (2005), Soares (1999), Street (2012), Cruz (2007), Grando (2012), dentre outros. Por último, iremos fazer a discussão dos dados obtidos por meio dos questionários, os quais serão demonstrados por meio de gráficos.

2 O FENÔMENO DO LETRAMENTO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, até algum tempo atrás, apenas o termo “alfabetização” era conhecido para fazer referência às competências de leitura e escrita. No entanto, com o passar dos anos, percebeu-se que esse termo não dava conta de abranger todo o processo de desenvolvimento de práticas que as envolvessem, ou seja, a alfabetização sempre esteve restrita à aquisição dessas competências e não, necessariamente, ao uso social delas. Nesse sentido, surge um novo termo para explicar esse desenvolvimento: o letramento; porém, ainda há muita confusão e desinformação em relação ao seu significado. Segundo Grando (2012), alguns educadores, por exemplo, pensam que letramento é um método didático que veio substituir a alfabetização; outros, consideram que alfabetização e letramento são processos iguais; e, vários possuem dúvidas sobre como promover uma proposta pedagógica que visa o letramento de seus alunos.

Em um artigo publicado pela UNESCO (2008) *The Plurality of Literacy and its Implications for Policies and Programmes** vemos que, até a metade dos anos 60, letramento era um direito primeiramente entendido como um conjunto de habilidades técnicas: ler, escrever e contar. Promover o letramento, portanto, era apenas uma questão de fazer com que os indivíduos adquirissem essas habilidades.

No mundo moderno, porém, a situação é outra. Winch et. al. (2014) nos diz que letramento não é mais visto apenas como áreas isoladas de conhecimento, como a gramática ou vocabulário, mas sim, a habilidade de utilizar a língua com propósito e de maneira hábil em diferentes situações. Segundo esse pesquisador, o letramento sempre tem sido uma coleção de práticas culturais e comunicativas compartilhadas por membros de grupos particulares. E assim como a sociedade muda, o letramento também muda†.

Comber e Cormark (1997, apud FISCHER, 2010, p. 218) apontam que “o que conta como letramento varia de acordo com fatores como lugar, instituição, proposta, período da história, cultura, circunstâncias econômicas e relações de poder”. Street (2012, p.08) também partilha dessa opinião e diz que “as práticas de

* The Plurality of literacy and its Implications for Policies and Programmes. UNESCO Education Sector Position Paper. 2004. Disponível aqui:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001362/136246e.pdf>>

† Introduction, p. XXXIV-XXXV. In: WINCH, G. et. al. 2014. *Literacy: Reading, Writing and Children's Literature*.

letramento variam de acordo com o contexto cultural”. Temos, então, assim como sugere Soares (1999), que existem diferentes tipos de letramento de acordo com as demandas sociais, culturais, entre outras, do indivíduo e do seu meio. Vemos o mesmo no artigo supracitado da UNESCO, o qual aponta que o letramento não é uniforme, mas sim, culturalmente, linguisticamente e até mesmo temporariamente diverso, moldado tanto pelas instituições educacionais quanto pelas sociais: a família, comunidade, local de trabalho, instituições religiosas e o Estado.

Muito provavelmente o letramento é, como nos diz Grando (2012, p.05), “causa e consequência do desenvolvimento”. A tecnologia, os meios de comunicação e a sociedade como um todo evoluem cada vez mais e muitas vezes fenômenos novos surgem e precisamos então nomeá-los. Segundo Kleiman (2005, p. 10), “a complexidade da sociedade moderna exige conceitos também complexos”. Street (2012) relata que vários autores argumentam que o letramento é associado a avanços no processamento cognitivo e a mudanças na natureza da sociedade. Novo e ainda pouco conhecido, conforme Soares (1999), o termo letramento veio a existir exatamente porque um fato novo surgiu na nossa língua para o qual ainda não tínhamos um nome.

Enquanto o índice de analfabetismo era alarmante, os termos analfabetismo e alfabetização nos bastavam, pois em prática, eles eram suficientes para descrever a situação em que a sociedade se encontrava. A partir do momento em que o nível de analfabetismo diminuiu, foi observado que muitos alfabetizados não faziam uso constante da leitura e escrita que adquiriram. Muitas pessoas eram alfabetizadas, ou seja, sabiam decodificar/codificar, mas não faziam uso constante da leitura e da escrita no seu dia a dia, chegando até mesmo a apresentar um baixo nível de proficiência nessas competências.

Uma pessoa letrada não somente aprende as habilidades de ler e escrever, mas se apropria e faz uso das mesmas. Soares (1999, p.40) aponta que:

[...] O indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Embora os termos letramento e alfabetização sejam muitas vezes confundidos, Cunha (2012, p.136) nos esclarece que alfabetização é “a aquisição do sistema

convencional de escrita enquanto letramento é a nomeação que se dá a práticas e comportamentos sociais no uso da leitura e da escrita de maneira eficiente”. Para Kleiman (2005, p.11), “letramento não é alfabetização, mas a inclui”. A autora explica que os dois processos são diferentes, mas estão associados. Segundo ela, ao mesmo tempo em que a alfabetização é necessária para que alguém seja considerado plenamente letrado, uma vez que letramento envolve também usar o código escrito da língua, um indivíduo não alfabetizado pode ser considerado letrado se conhece a função de cartas, rótulos de produtos etc. pois participa, ainda que de forma marginal, de práticas letradas.

2.1 O LETRAMENTO FORA DO ÂMBITO ESCOLAR

Em relação aos lugares e situações onde podemos observar o fenômeno do letramento acontecendo, Kleiman (2005) faz uma ressalva sobre o letramento dentro e fora da escola. Segundo a autora, as práticas de letramento fora da escola são em sua essência colaborativas, enquanto o processo de aquisição da língua escrita no ambiente escolar, a alfabetização, apresenta um caráter individualista. Na maioria das instituições, as pessoas participam coletivamente das ocasiões em que a fala se organiza ao redor de textos escritos e livros visando a sua compreensão, os chamados “eventos de letramento”, enquanto nos eventos escolares tradicionais o mais importante é a participação individual do aluno.

Para Goulart (2014), aprender a escrita somente vem a ter sentido se tal aprendizagem implicar a inclusão dos aprendizes no mundo da escrita, de modo a ampliar sua inserção e participação política e social. De acordo com esse modo de pensar, a alfabetização deveria ser seguida do letramento. Tendo por base o modo como os processos de escolarização e de alfabetização são concebidos por Paulo Freire (como ato político e prática de liberdade) a autora diz que nosso país “tem apresentado muitas dificuldades para efetivar esses processos de forma a transformar a condição de cidadania da população brasileira como um todo” (FREIRE, 2014, p. 38) de modo que possamos ser todos letrados e participantes cada vez mais ativos na sociedade.

Winch et. al. (2014) expõe que competência em letramento é essencial se um indivíduo deseja participar completamente na sociedade, ser capaz de tomar partido na força de trabalho, se engajar em processos democráticos e contribuir para a

sociedade. Segundo o autor, letramento é indispensável para o sucesso na sociedade moderna uma vez que permeia praticamente todas as áreas de interação social incluindo educação, trabalho, lazer, comunicação e negócios, e é um componente chave da revolução da informação. O autor também nos diz que letramento é um componente de justiça social pois ele capacita indivíduos a obter acesso a recursos sociais e os ajuda a fazer parte de instituições sociais. Pode ser também uma fonte de satisfação e contribuir para ampliar o conhecimento dos indivíduos e o entendimento deles mesmos e do mundo.

Tendo em vista o que foi discutido até agora sobre letramento e considerando o mesmo como um fenômeno que diz respeito à prática social, passaremos a discutir sobre a ocorrência desse fenômeno no contexto de ensino de nível superior.

2.2 O LETRAMENTO NO CONTEXTO ACADÊMICO

Por se tratar de um fenômeno social, o letramento está presente em várias instituições (além da escola) e varia de acordo com as demandas do indivíduo e de seu meio. No contexto universitário, temos o letramento acadêmico. Segundo Fischer (2008, p. 180 apud CUNHA, 2012, p. 139), o letramento acadêmico é a “fluência em formas particulares de pensar, ser, fazer, ler e escrever, muitas das quais são peculiares a um contexto social”; no caso aqui estudado, o contexto acadêmico.

De acordo com Ferreira (2013, p. 36), o letramento acadêmico é um enfoque recente, utilizado “para se referir a toda atividade que demande habilidades de leitura e/ou escrita no ensino superior”. Para Ferreira (2015, p.18), letramento acadêmico é:

[...] a socialização crítica do uso da língua na academia para ler, escrever ou falar textos que visam a produção, a disseminação e a sustentação da produção do conhecimento acadêmico segundo as convenções linguísticas, genéricas e sociais das comunidades discursivas e que se baseiam em habilidades gerais do letramento.

Em sua tese, Ferreira (2013, p.40, grifo nosso) relata que em uma das perspectivas observadas por Lea & Street (1997) nas pesquisas sobre a aprendizagem de alunos no ensino superior:

[...] o letramento é compreendido como uma prática social que envolve variadas práticas comunicativas, incluindo gêneros, campos e disciplinas. Do ponto de vista do aluno, **uma característica dominante das práticas de letramento acadêmico é a exigência de adequação das diferentes práticas a diferentes situações discursivas**, que demandam repertórios variados e produzem significados também diferenciados em um mesmo espaço institucional.

Dessa forma, podemos ver, como aponta Ferreira (2013), que o letramento acadêmico exige muito mais que o conhecimento da leitura e da escrita. É necessário que haja, de fato, a partir dessas tecnologias (termo muito utilizado por Soares), a capacidade de desenvolver a uma competência comunicativa eficaz dentro do contexto de ensino superior, tanto no aspecto escrito como oral.

Fischer (2010) discorre sobre um problema cada vez mais frequente: um nível de letramento acadêmico deficiente ou mesmo insuficiente. Segundo a autora, pesquisadores recentemente vêm demonstrando uma maior preocupação em relação à leitura e à escrita científicas. Isso se deve ao fato de muitos estudantes recém-ingressos na universidade apresentarem dificuldades em produzir os gêneros típicos do ensino universitário, como fichamentos, resenhas, resumos, gráficos, diagramas, fluxogramas, entre outros. Cruz (2007) também fala sobre essa questão e diz que a produção acadêmica dos alunos de graduação reflete sérias dificuldades quanto aos usos das formas linguísticas, a organização e a composição textual.

De acordo com Bezerra (2015), as práticas de letramento que orientam a vida na universidade se apresentam como algo novo para o estudante de graduação. O autor fala que o estudante, ao longo de sua trajetória em um curso de graduação, tem a necessidade de construir uma identidade social compatível com o ambiente acadêmico. Isso significa dizer que o estudante deve procurar aprender e utilizar os gêneros usados na universidade para que possa se identificar com a vida acadêmica.

Para Cunha (2012, p. 135), “alunos oriundos da educação pública, [...] não possuem, de fato, em sua grande maioria, um tipo de letramento compatível com aquele requisitado pelo letramento acadêmico”. De acordo com o autor, os alunos universitários desde sua educação quando crianças não receberam uma educação voltada ao letramento ou não receberam uma concepção de letramento compatível ou suficiente para as práticas letradas do domínio acadêmico. Cruz (2007, p. 05), no entanto, aponta outra possível causa; ela diz que os problemas acerca da escrita

acadêmica dos alunos se iniciam bem antes do ato de escrever, ou seja, “circunscreve-se indiscutivelmente aos seus modos de processar a leitura”.

A referida autora aponta ainda que o modo como os alunos foram expostos à leitura na escola tradicional “se caracteriza por perpetuar a concepção de ler e escrever como a mera aquisição do código da língua” (ibid., p 05-06). Os alunos seriam estimulados a decodificar textos, mas não a ler criticamente. Ela conta que em seu trabalho docente tem observado uma grande dificuldade dos seus alunos em construir significados para a leitura. Isso ocasionaria dificuldades na escrita acadêmica, “o que nos faz crer que lhes falta uma leitura crítica, que lhes propicie uma (re) elaboração dos conceitos veiculados no texto” (ibid., p. 06).

2.2.1 O baixo nível de letramento e a prática do plágio acadêmico

O baixo nível de letramento acadêmico é um problema preocupante e que afeta cada vez mais estudantes universitários. Como vimos, há autores que indicam insuficiência ou o baixo nível de letramento durante a vida escolar de um estudante como explicação para um baixo nível de letramento acadêmico em alunos de graduação, conforme Cunha (2012). Outros autores acrescentam que as práticas sociais próprias da universidade são algo novo para os recém-ingressos na universidade, porém, defendem a criação de uma identidade adequada ao ambiente acadêmico (BEZERRA, 2015).

Muitos alunos que possuem um baixo nível de letramento acadêmico em termos de leitura e escrita e, conseqüentemente, apresentam dificuldades para produzirem os gêneros típicos do meio acadêmico, podem incorrer na terrível prática do plágio. A desinformação também pode ter um grande papel e influenciar os alunos que ainda não tem uma identidade compatível com o ambiente acadêmico formada. A conscientização dos alunos de que o plágio é um ato maléfico e indesejado talvez seja o primeiro passo para combater essa prática.

Os professores, não somente universitários, mas em todos os níveis de escolaridade, devem cultivar em seus alunos o respeito pelo trabalho alheio e buscar promover o letramento dos mesmos. Dessa forma, se espera que eles não venham a se apropriar do trabalho de outros autores e que sejam capazes de produzir seus próprios escritos de acordo com as normas estabelecidas pela academia.

3 O LETRAMENTO EM CONTEXTO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO SUPERIOR

O curso de Letras é bastante procurado por pessoas que se interessam por línguas estrangeiras. De acordo com as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras (BRASIL, 2001, p. 30),

[...] o profissional de Letras deve ter domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades linguísticas e culturais.

Todavia, isso não significa dizer a totalidade dos alunos recém ingressos em um curso de Letras-Inglês apresentem o domínio esperado da língua inglesa. Na realidade que vivemos, a fluência no idioma a ser estudado não consiste em um pré-requisito para ingressar num curso de Letras. Se assim fosse, faríamos um teste de proficiência previamente ao ingresso no curso.

Sobral & Martins (2014, p. 15) trazem à baila Moita Lopes (2006, p. 36) que fala da “atitude exageradamente positiva e de quase adoração pela cultura de língua inglesa”. Isso explicaria o motivo de muitos alunos optarem por pelo curso de Letras-Inglês mesmo não dominando o idioma. Segundo Jordão & Bühner (2013, p. 673) “muitos licenciandos não se veem como professores, mas sim como aprendizes de Língua Inglesa”. Para as autoras, como o domínio da língua inglesa não é pré-requisito para entrar na graduação, a competência linguística dos alunos é bastante enfatizada nos primeiros anos de curso.

É de comum conhecimento que apenas uma minoria traz consigo um bom nível de domínio de inglês na bagagem; isso acarreta o fenômeno que estamos presenciando: durante os anos iniciais da graduação, muitos se dedicam primariamente ao aprendizado do idioma, tanto na própria instituição de ensino superior (através de cursos de extensão, por exemplo) quanto em cursos livres. Como o inglês é uma língua estrangeira no Brasil (não oficial e não utilizada obrigatoriamente), alguns autores, como Moita Lopes (2006), sugerem que devemos incentivar uma motivação instrumental que seria mais coerente com a nossa realidade.

Cavalcante (2000, p. 03), em um curso sobre inglês instrumental, diz que o mesmo é:

Uma abordagem que se concentra no aprendizado da leitura em uma língua estrangeira, levando o aprendiz a interagir com o texto e despertando sua atenção para as pistas contextuais apresentadas pelos textos, assim como procurando dar noções da estrutura da língua alvo e noções de tradução.

O inglês instrumental contribui, em certo grau, para o letramento acadêmico em inglês dos graduandos, uma vez que “[...] aprender a ler e escrever (e também ouvir e falar) em determinadas situações de comunicação da LE tem como meta ampliar a participação do educando nas práticas sociais em sua língua e em sua cultura”, de modo a contribuir para o seu desenvolvimento como cidadão (SCHLATTER, 2009, p. 12). Ramos (2011, p. 24) diz que Olshtain (2001) “ressalta a necessidade de encorajar, durante o processo de aprendizagem de línguas, a escrita como uma atividade comunicativa”. Ler e escrever em língua inglesa nos possibilitaria mais oportunidades de comunicação.

Com o atual status da língua inglesa de *World English*, a tendência é termos cada vez mais informações, artigos, sites etc. em (e apenas em) inglês. Dessa forma, a compreensão e produção escrita nesse idioma pode ser comparado a um dos pilares da educação: o de aprender a aprender. Segundo Sivolella (2005, p. 10), “[...] saber ler em Inglês ajuda a aprofundar conhecimentos anteriores e permite adquirir informações novas que, na maioria das vezes, não são veiculadas em português”.

Para Paiva (2001, p. 126):

[...] ler e escrever em língua estrangeira devem ser entendidos como processos de aprendizagem, de desconstrução e de reconstrução pelo próprio aluno, em que o objeto a ser aprendido é uma nova cultura, uma nova visão de mundo, uma nova forma discursiva e não meramente um código formal linguístico a ser memorizado, totalmente distanciado de sua subjetividade.

Paiva aponta ainda que a leitura e a escrita em uma língua estrangeira “[...] devem possibilitar ao estudante ampliar a sua autonomia discursiva e seu domínio de conhecimentos [...]” (2001, p. 126). Schlatter (2009, p. 12), utilizando as palavras de Bagno e Rangel (2005, p. 69), diz que a finalidade do ensino de línguas, tanto

materna quanto estrangeiras, é “[...] a criação de condições para que ‘o indivíduo ou o grupo possa exercer a leitura e a escrita de maneira a se inserir do modo mais pleno e participativo na sociedade tipicamente letrada que é a nossa [...]”.

Com tudo isso, vemos a importância crescente de o aluno de Letras-Inglês, futuro professor, compreender, interpretar e produzir textos em inglês. Como diz Watermann (2008, p.02), “ler é um fator decisivo na vida do estudante, pois é através da leitura que ele amplia seu conhecimento, busca informações, organiza o pensamento, amplia o vocabulário e muitas vezes, viaja pelo mundo”. Embora diferentes graduandos possuam diferentes níveis de letramento, todos devem ter a intenção de buscar apurar suas capacidades e conhecimentos. Isso significa dizer que é importante, por exemplo, aprimorar a habilidade de leitura, de modo a melhorar cada vez mais a capacidade de compreensão da língua escrita e consequentemente os seus conhecimentos.

3.1 O LETRAMENTO EM LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS DA GRADUAÇÃO

Com base no que fora discutido acima sobre o letramento acadêmico, bem como os diferentes níveis que esse fenômeno pode apresentar, traremos a seguir os resultados de uma pesquisa realizada com o objetivo de verificar na prática como tudo isso se aplica na realidade de alguns alunos da graduação.

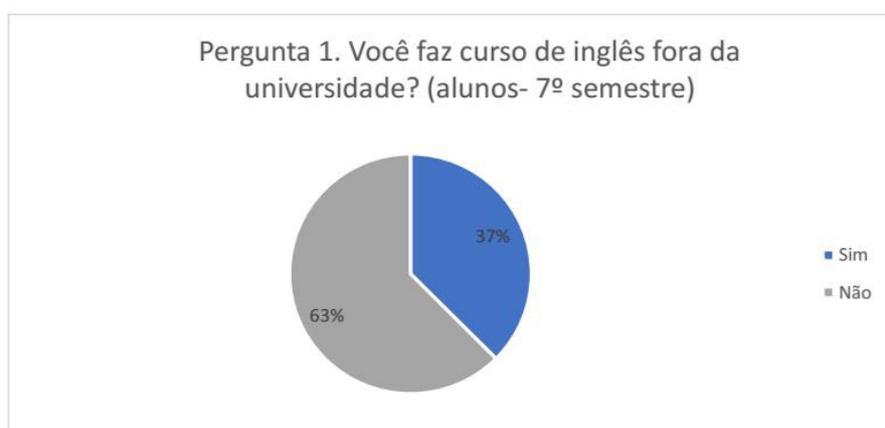
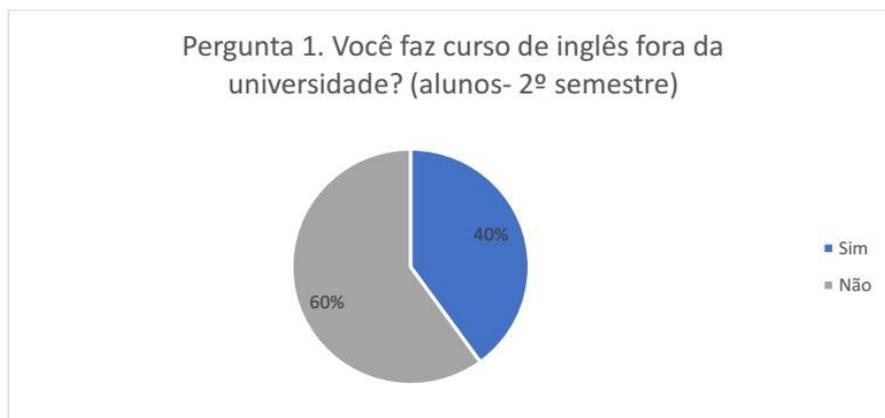
3.1.1. Caracterização da pesquisa

A pesquisa realizada, de caráter quantitativo-interpretativo, teve como uma de suas finalidades, aplicar um questionário com alunos de graduação em Letras-Inglês para investigar os níveis de letramento que eles apresentam em língua inglesa. O referido questionário era composto de dez questões relativas ao objeto de pesquisa; todas as questões eram objetivas e com poucas alternativas (a maioria *sim* ou *não*) para que os alunos marcassem as opções correspondentes às suas respostas. Para tanto, pedimos a colaboração de professores das turmas de segundo e sétimo períodos, turnos manhã e tarde respectivamente, do curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba-Campus III para que seus alunos respondessem ao questionário durante suas aulas. Ao total, foram 20 entrevistados.

Como dito anteriormente, mesmo sendo o objeto de estudo e futura ferramenta de trabalho, a proficiência em língua inglesa não é pré-requisito para o ingresso em um curso de Letras-Ingês. Nosso propósito era tentar compreender, especificamente, o nível e a relação dos alunos do curso de Letras-Ingês com o letramento em língua inglesa, ou seja, se eles usavam socialmente a leitura e a escrita em inglês mesmo tal idioma constituindo uma língua estrangeira para eles. Como veremos a seguir, as perguntas que constituíram o nosso questionário de pesquisa se pautaram em aspectos relacionados à leitura e à escrita em inglês.

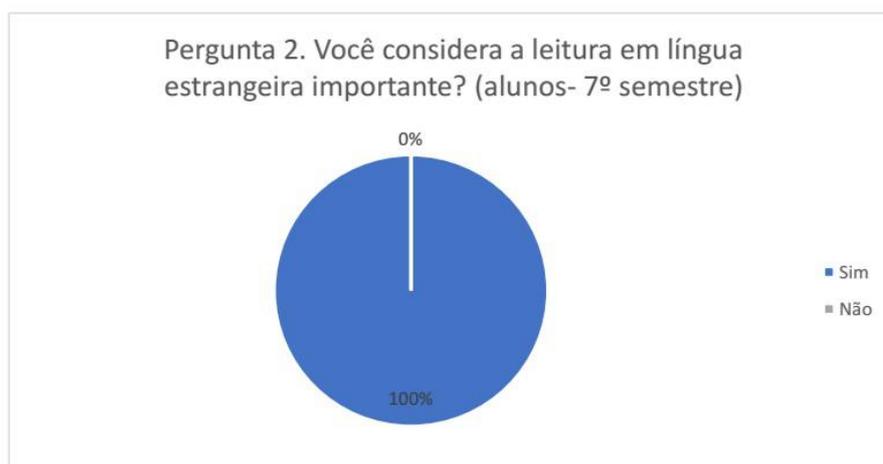
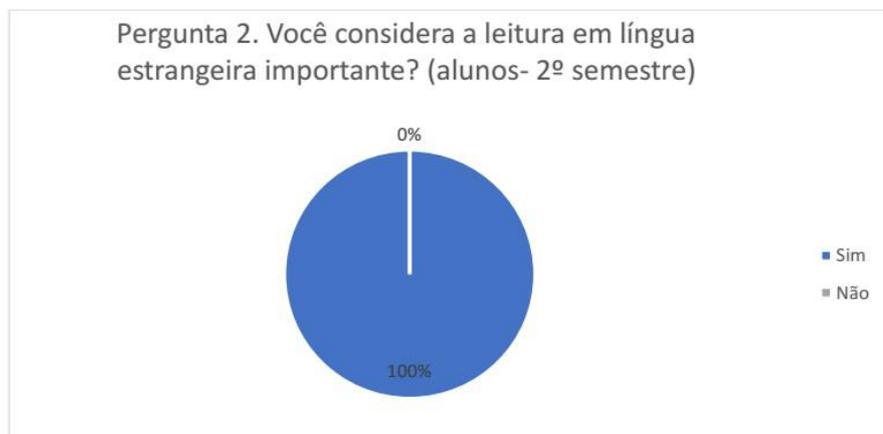
3.1.2 Análise e discussão dos dados

Na primeira questão, objetivamos identificar quantos dos alunos entrevistados fazem algum curso de idioma, os chamados cursos livres, em conjunto com a graduação. O nível de proficiência em uma língua pode interferir diretamente na habilidade de leitura. Nosso objetivo foi tentar montar um perfil dos alunos para ser usado na interpretação das questões posteriores. Como mostrado no gráfico abaixo, 60% dos alunos da turma do segundo semestre não estudam em cursos de inglês (os chamados cursos livres) fora da universidade e 40% responderam que *sim*. Entre os entrevistados da turma do sétimo semestre, 37% disseram que *sim* e 63% que *não*. A maioria dos alunos que faz algum curso de idioma diz estar no nível básico.



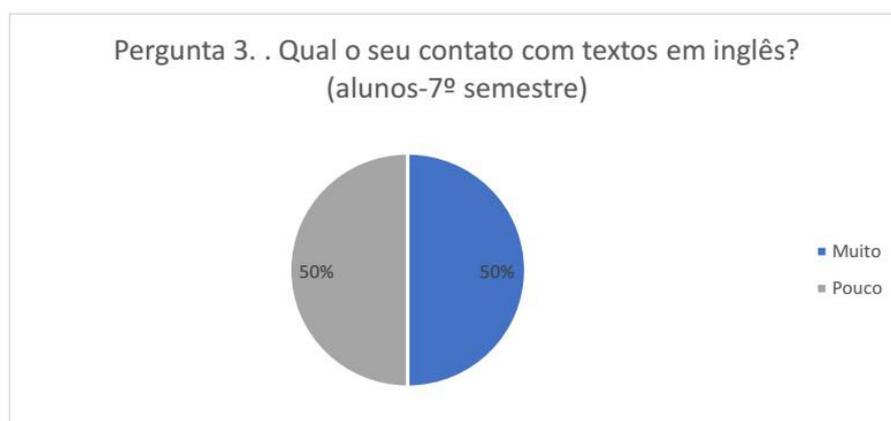
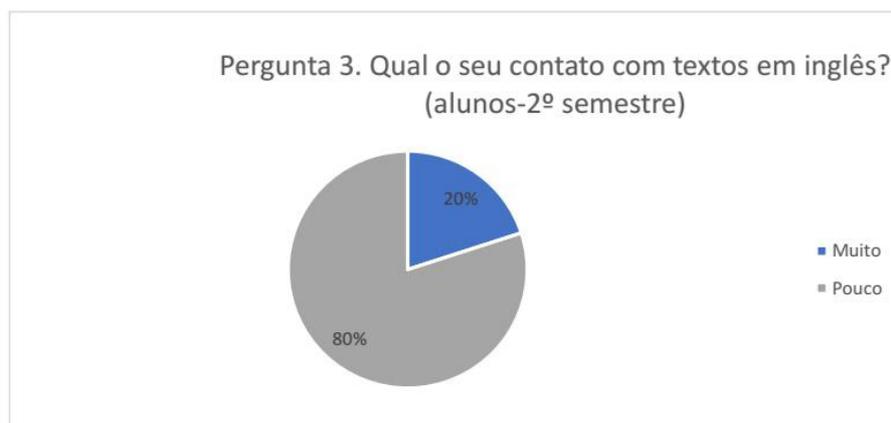
Na segunda pergunta, questionamos os alunos se eles consideram a leitura em língua inglesa importante. Nossa intenção foi tentar entender se a leitura tem importância na opinião deles, e talvez isso possa ser um dos motivos pelos quais eles leem, ou não.

Como é possível observar no gráfico a seguir, quando questionados se consideram a leitura em língua inglesa importante, 100% dos entrevistados da turma do segundo semestre responderam que *sim*. O mesmo acontece na turma do sétimo semestre. Em ambas as turmas, nenhum dos entrevistados respondeu *não* considerar a leitura em língua inglesa importante.



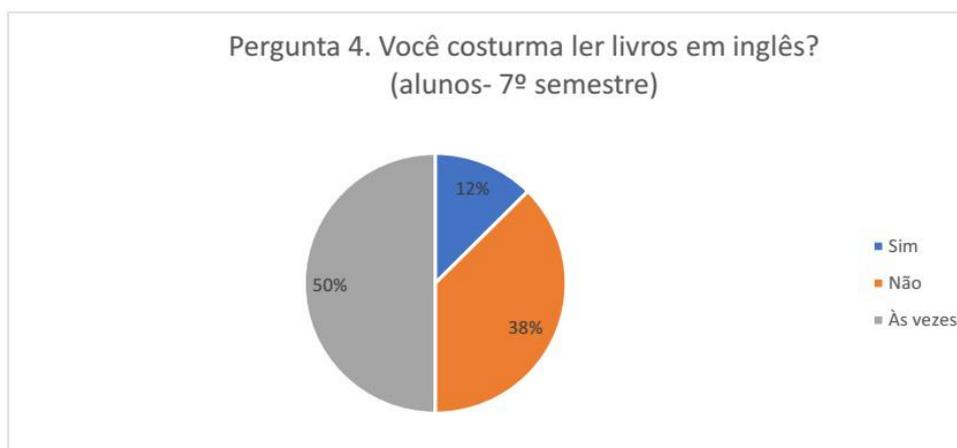
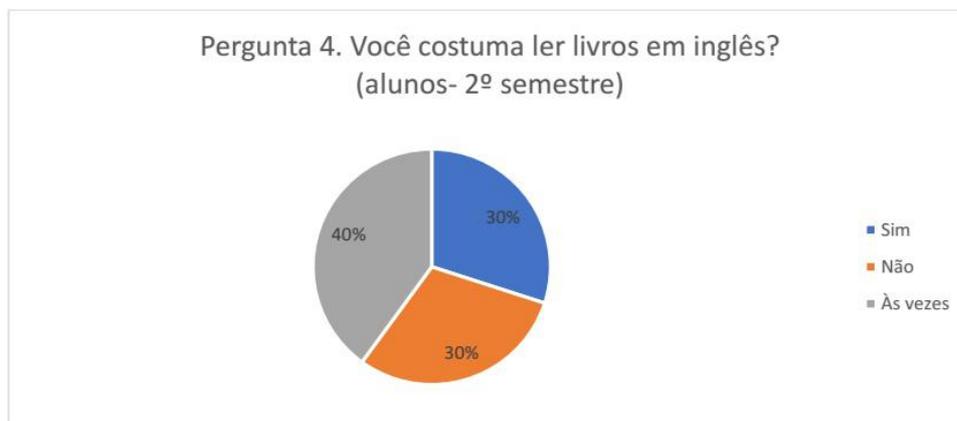
Na terceira questão, buscamos entender se os textos em língua inglesa fazem parte da vida dos alunos de alguma forma, ou seja, se os alunos têm contato com textos em inglês e se esse contato é muito ou pouco.

Como demonstrado nos gráficos abaixo, 80% dos entrevistados da turma do segundo semestre disseram ter *pouco* contato com textos em inglês e apenas 20% dizem ter *muito* contato com textos em língua inglesa. Nas turmas do sétimo semestre, 50% dos alunos dizem ter *muito* contato com textos em inglês e 50% dizem ter *pouco*.



Na quarta questão, interrogamos os alunos se eles costumam ler livros em inglês. Nosso objetivo era entender se os alunos que afirmaram ter algum contato com textos em inglês o faziam através dos livros, que são de leitura muitas vezes árdua, devido ao grande volume de páginas de algumas obras e exigem mais do aluno.

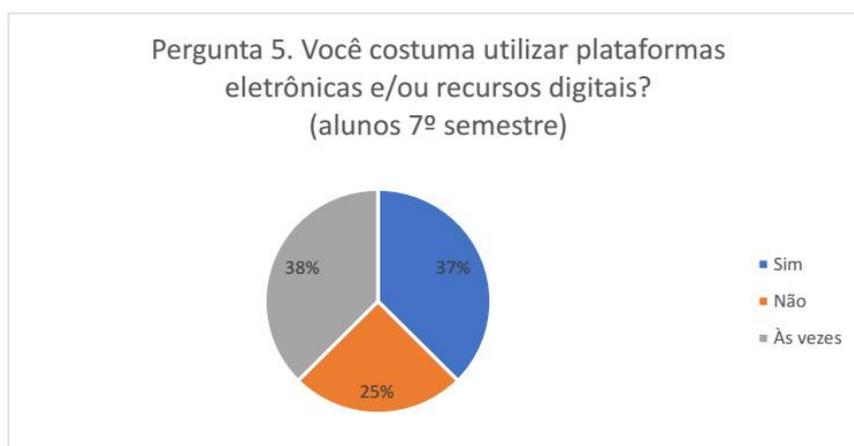
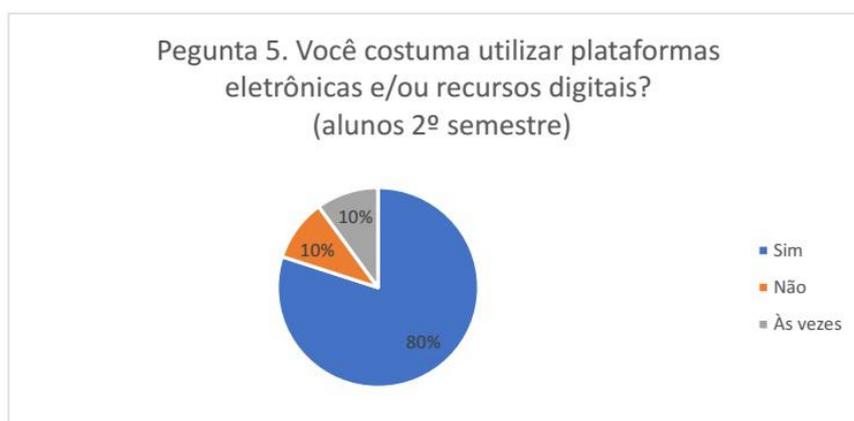
Como observado nos gráficos a seguir, 30% dos alunos do segundo semestre e 38% do sétimo semestre não leem livros em inglês. Somando os entrevistados que responderam *sim* e *às vezes*, no segundo semestre 70% dos alunos leem livros em inglês enquanto na turma de sétimo semestre esse número mal passa dos 60%.



Na questão cinco, perguntamos aos alunos se eles costumavam utilizar plataformas eletrônicas (*Wattpad, Skoob, GoodReads etc.*) e/ou recursos digitais (*pdf, ebook etc.*) para ler em inglês. Nessas plataformas é possível ler livros em inglês e também são realizados debates sobre livros/textos anteriormente lidos. Pessoas com diferentes graus de conhecimento interagem e todos ampliam seus saberes linguísticos e de mundo. Nosso objetivo era entender se os alunos estavam expostos a ambientes de interação como estes em que a leitura em inglês é fundamental e o aprendizado é constante.

Como demonstrado nos gráficos a seguir, na turma do segundo semestre, 80% dos alunos responderam que usam plataformas eletrônicas e/ou recursos digitais para ler textos em inglês, 10% disseram que às vezes e 10% não utilizam tais recursos. Dentre os entrevistados do sétimo semestre, apenas 37% disseram que

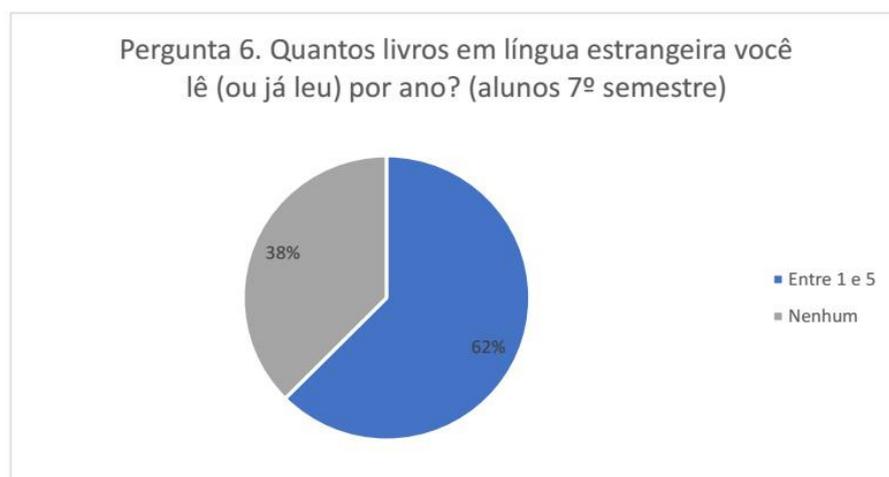
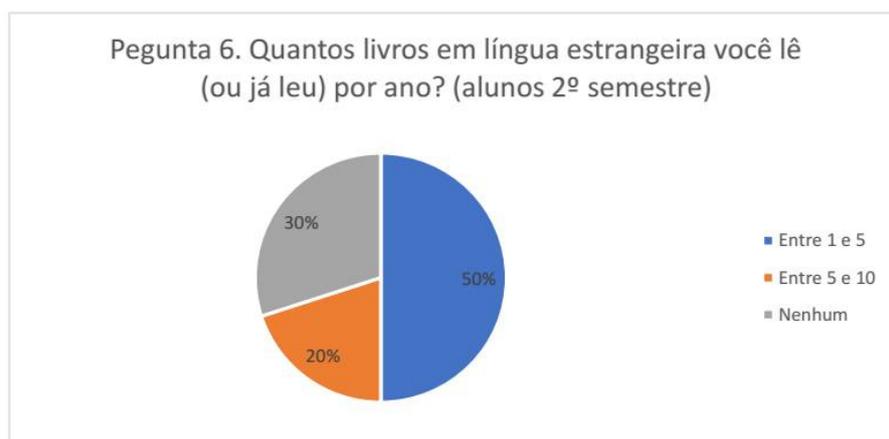
usam plataformas eletrônicas e/ou recursos digitais, 38% às vezes e 25% não fazem uso desses recursos.



Na pergunta seis, questionamos quantos livros em média os entrevistados leem ou já leram por ano. Nosso principal objetivo foi entender se os alunos que leem livros o fazem em grande medida ou não, lembrando que algumas disciplinas apresentam pelo menos um livro em inglês como leitura obrigatória, o que nos leva a pensar que aqueles que leem mais de cinco o fazem por vontade própria.

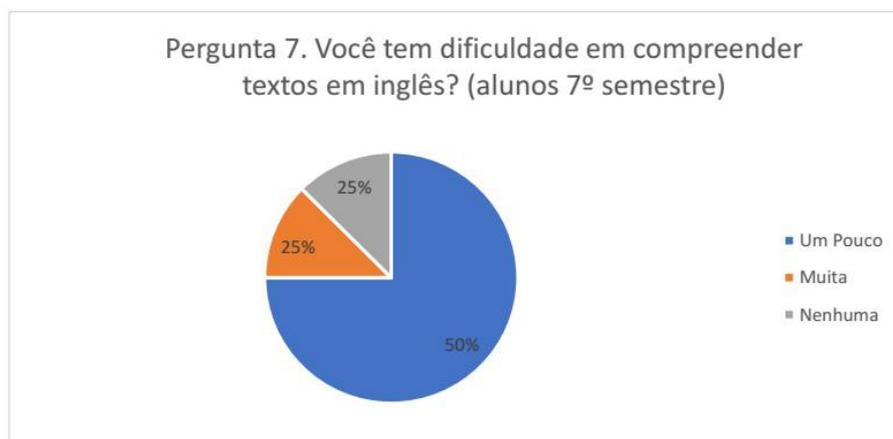
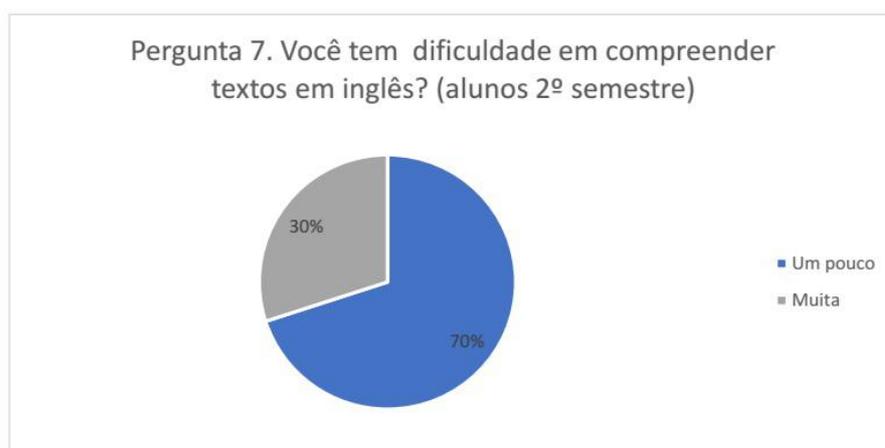
Como observado nos gráficos abaixo, entre os alunos do segundo semestre, 50% disseram ler em média *de um a cinco livros* em inglês por ano, 20%

responderam ler *de cinco a dez* e 30% disseram não ter lido *nenhum*. Na turma sétimo semestre, 62% dos entrevistados responderam ler uma média *de um a cinco* livros em inglês por ano e 38% disseram não ler *nenhum*.

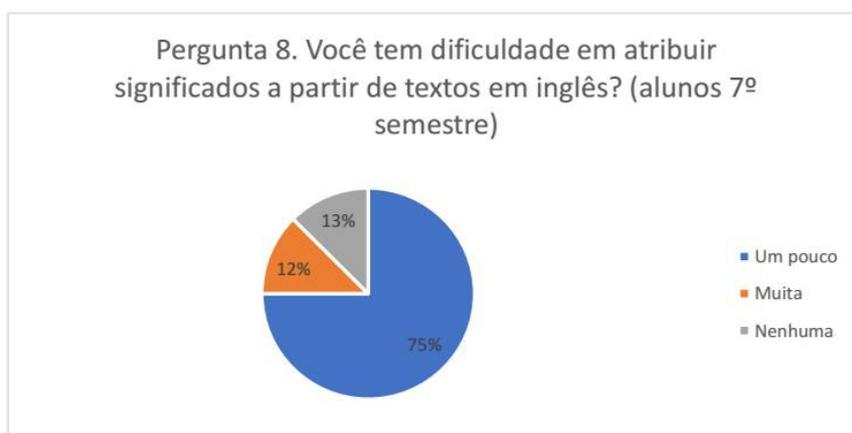
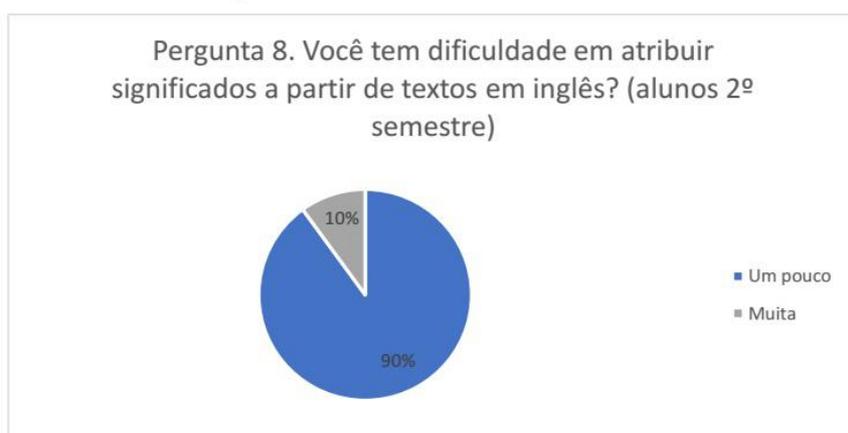


Na pergunta sete, questionamos nossos colaboradores se eles tinham dificuldade em compreender textos em inglês. Nosso objetivo era entender se os alunos que tem contato com textos em inglês apresentam menos dificuldade em compreender textos em inglês do que os alunos que não tem contato com textos em inglês. Dentre os alunos da turma do segundo semestre, 30% responderam ter *muita* dificuldade em compreender textos em inglês e 70% dizem ter apenas *um pouco* de dificuldade. Entre os entrevistados do sétimo semestre, 25% disseram ter *muita*

dificuldade em compreender textos em inglês, 25% *nenhuma* e 50% responderam ter *um pouco* de dificuldade. É curioso notar que dentre os alunos do segundo semestre que responderam ter *muita* dificuldade em compreender textos em inglês, a maioria respondeu ter *pouco contato* com textos em inglês e não costuma ler livros em língua inglesa, o que pode ser, portanto, a causa de tais dificuldades.



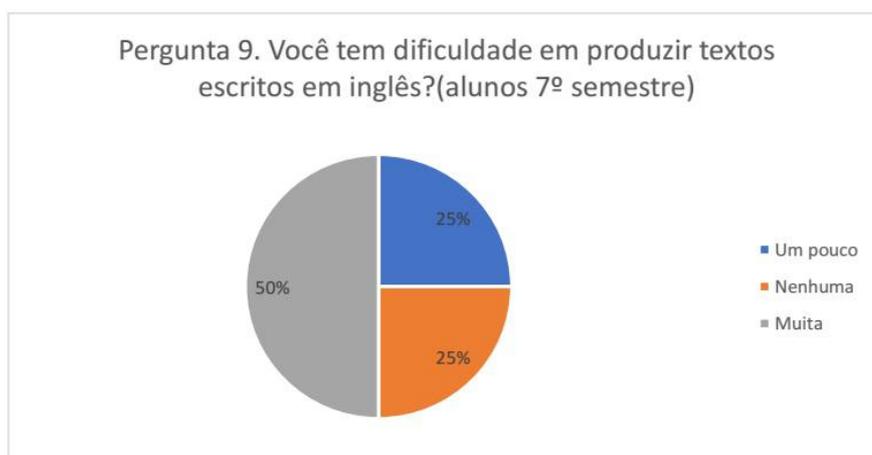
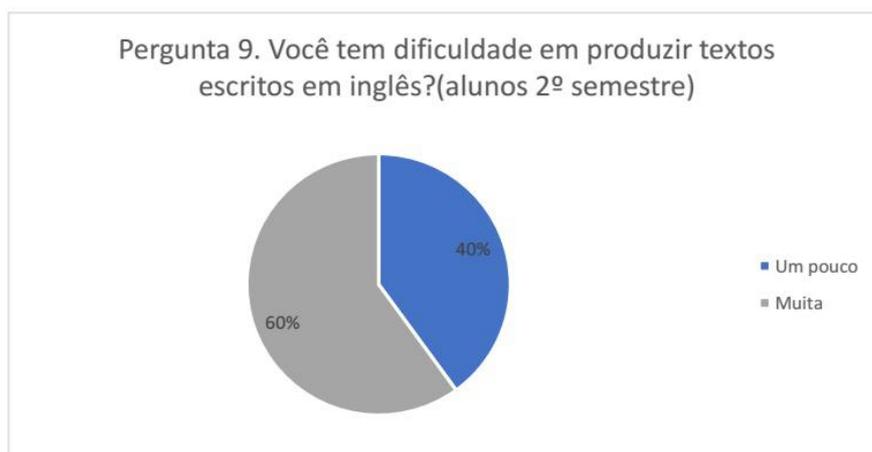
Na pergunta oito, questionamos os alunos se eles têm dificuldade em atribuir significados a partir de textos em inglês. Nosso objetivo foi tentar entender se os entrevistados realmente entendem aquilo que leem, se conseguiam atribuir sentido àquilo que leem. Como demonstrado nos gráficos a seguir, 90% dos alunos da turma do segundo semestre sente *pouca* dificuldade em atribuir significados a partir de textos em inglês e 10% disseram ter *muita* dificuldade. Entre os entrevistados do sétimo semestre, 75% disseram ter *um pouco* de dificuldade em atribuir significados a partir de textos em inglês, 12% *muita* e 13% *nenhuma*.



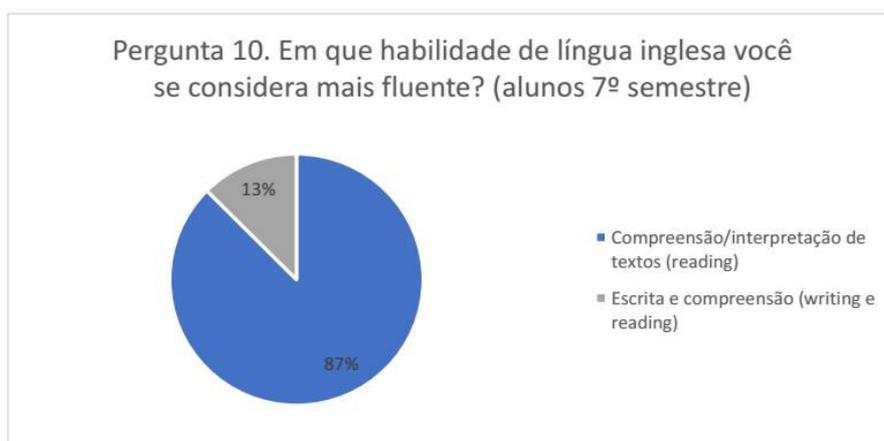
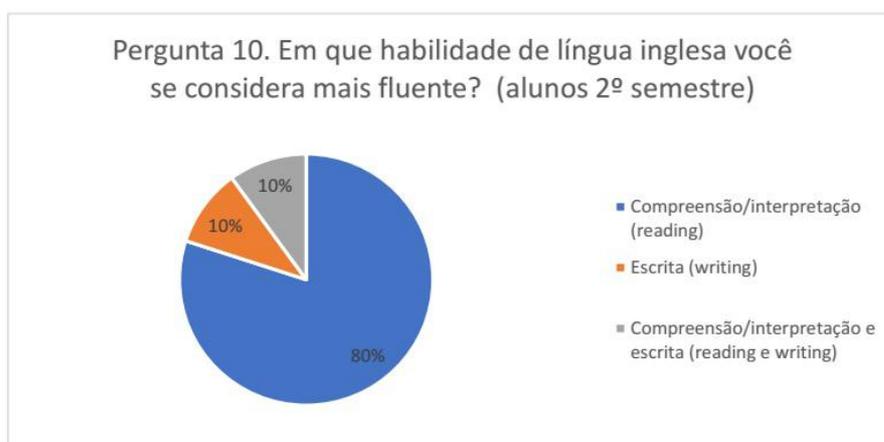
Na pergunta nove, questionamos os entrevistados se eles sentem dificuldade em produzir textos em inglês, haja vista que a leitura é fundamental para o processo de escrita, uma vez que proporciona conhecimento gramatical e enciclopédico, por exemplo. Nosso objetivo foi tentar entender se os alunos que têm mais contato com

textos e que leem livros em inglês, sentem menos dificuldade em produzir textos em inglês.

Como é possível observar nos gráficos abaixo, 60% dos alunos do segundo semestre disseram ter *muita* dificuldade em produzir textos escritos em inglês e 40% responderam ter apenas *um pouco* de dificuldade. Dentre os entrevistados do sétimo semestre, 50% dos alunos disseram ter *muita* dificuldade em produzir textos escritos em inglês, 25% responderam ter *um pouco* de dificuldade e 25% disseram ter *nenhuma* dificuldade em produzir textos escritos em inglês. É importante notar que a maioria dos alunos do segundo e sétimo semestres que responderam ter *pouca* ou *nenhuma* dificuldade em produzir textos em inglês também relataram ter algum contato com textos e ler livros em inglês.



Na questão dez, perguntamos os alunos em que habilidade linguística em inglês eles se consideravam melhores. Nosso objetivo era entender se os alunos se consideravam melhores em habilidades que envolviam a oralidade ou nas que envolviam a leitura e a palavra escrita. Apesar de a maioria dos entrevistados de ambas as turmas dizerem que sentem pelo menos alguma dificuldade em compreender textos, como é possível observar nos gráficos a seguir, 80% dos alunos da turma do segundo semestre disseram que dentre as quatro habilidades linguísticas, a sua melhor é a compreensão/interpretação (*reading*), 10% afirmam que a sua melhor habilidade é a escrita (*writing*) e 10% assinalaram que duas opções: compreensão/interpretação (*reading*) e escrita (*writing*). Na turma do sétimo semestre 87% dos entrevistados responderam que sua melhor habilidade é a compreensão/interpretação (*reading*) e 13% disseram que a compreensão/interpretação (*reading*) e a escrita (*writing*) são suas melhores habilidades.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na nossa pesquisa, buscamos compreender num primeiro momento o que vem a ser o fenômeno do letramento para depois perceber que existem diferentes níveis de letramento, principalmente no âmbito acadêmico. Dessa forma, buscamos entender o fenômeno do letramento em língua inglesa como língua estrangeira no ensino superior e a importância da leitura em inglês para a vida do estudante.

Ao analisarmos, a partir do questionário a relação dos alunos do curso de Letras-Inglês com o letramento em língua inglesa, ou seja, se eles usavam socialmente a leitura e a escrita em inglês mesmo tal idioma sendo uma língua estrangeira para eles, notamos que existem diferentes níveis de letramento entre os alunos. Alguns utilizam a leitura e a escrita em inglês enquanto outros não. Muitos leem uma quantidade significativa de livros e fazem uso de diversos suportes para leitura como plataformas online, por meio das quais é possível ter uma grande imersão no mundo da escrita em inglês que permeia todas as partes dos sites, por exemplo. Outros, porém, não o fazem.

Nos resultados da pesquisa alguns dados surpreenderam, como o fato de um número maior de entrevistados do sétimo semestre afirmarem não ter o hábito de ler livros em inglês em relação aos do segundo semestre (38% x 30%). No entanto, outros resultados já eram esperados, como o fato de mais alunos do segundo período sentirem uma dificuldade maior em compreender textos em inglês do que os entrevistados do sétimo semestre (30% x 20%).

Buscar possíveis razões para a existência de diferentes níveis de letramento em língua estrangeira é algo que ultrapassa os limites do presente trabalho. Muitos fatores podem contribuir para a ocorrência de um determinado aluno ler mais em inglês, como por exemplo um acesso mais fácil a materiais nessa língua fora da universidade ou até mesmo a influência da família ou amigos que tem o hábito de ler em inglês. Um fato observado durante a análise dos dados da pesquisa, é que nem todas as pessoas que leem/tem contato com textos em inglês relatam não ter dificuldade em entender textos em língua inglesa; porém, todos os entrevistados que disseram não ter nenhuma dificuldade em entender textos em inglês também relatam ter muito contato com textos em inglês e ler livros com certa frequência. Isso

poderia ser um indicativo de que quanto mais se pratica a leitura, melhor se ler e melhor se entende.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Benedito. Letramentos acadêmicos e construção da identidade: a produção do artigo científico por alunos de graduação. In: **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, pp. 61-76, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiMj4Sip_XXAhWBfZAKHW6cBaEQFggyMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fpdf%2Fid%2Fv15n1%2F1518-7632-ld-15-01-00061.pdf&usq=AOvVaw3HF7o94qSpARdPEsAOoalw>. Acesso em: 6 dez. 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 492, de 03 de abril de 2001. **Diretrizes curriculares para os cursos de Letras**. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>> Acesso em: 7 mai.2018.
- CAVALCANTE, Ilane Ferreira. **Inglês Instrumental**. UFC: Fortaleza (2000). Disponível em: <http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_amb_saude_seguranca/tec_seguranca/ingles/291012_ing_a01.pdf> Acesso em: 7 mai.2018.
- CUNHA, Jaeder Fernandes. Letramento Acadêmico: Reflexão e Algumas Considerações sobre Cursos de Negócios em Faculdades Privadas Populares. In: **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 15/2, dez. 2012. pp. 129-151. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/13235/12085>>. Acesso em: 6 dez. 2017.
- CRUZ, Maria Emilia Almeida Da. O letramento acadêmico como prática social: novas abordagens. In: **Gestão e Conhecimento** V. 4, n. 1, art. 1, julho/novembro 2007. Pp. 2-13. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiFzvTLpvXXAhWDC5AKHadABh0QFggnMAA&url=https%3A%2F%2Fwww.pucpcaldas.br%2Fgraduacao%2Fadministracao%2Frevista%2Fartigos%2Fv4n1%2Fv4n1a1.pdf&usq=AOvVaw3vz9pajSWRtL8nZcnK_Mp0>. Acesso em: 6 dez. 2017.
- FERREIRA, Maria de Lourdes Santos. **Letramentos Acadêmicos Em Contexto De Expansão Do Ensino Superior No Brasil**. Belo Horizonte, MG. Faculdade de Educação da UFMG. Setembro de 2013. Tese. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwib5j4nfTaAhWHDZAKHUL0BggQFggoMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.bibliotecadigital.ufmg.br%2Fdspace%2Fbitstream%2Fhandle%2F1843%2FBUBD-9EFFLF%2Fferreira_maria_de_lourdes_santos.pdf%3Fsequence%3D1&usq=AOvVaw0ZiSt6_wc8Z6Pf0pB2AvVH> Acesso em: 7 mai. 2018.
- FERREIRA, Marília Mendes. **A promoção do letramento acadêmico em inglês por meio do ensino desenvolvimental**: contribuições da teoria histórico-cultural. 2015. [s.n.], São Paulo, 2015. Tese defendida em 16.12.2015. Publicada em: 2015.

FISCHER, Adriana. Sentidos situados em eventos de letramento na esfera acadêmica. Educação. In: **Revista do Centro de Educação**, vol. 35, núm. 2, mayo-agosto, 2010, pp. 215-228. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/download/2072/1248>> Acesso em: 7 mai. 2018.

GOULART, Cecília M. A. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. In: **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (2): 35-51, Ago./Dez. 2014. Disponível em:
<<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKewiuggDCmfTaAhXMuFMKHUe8DMcQFggoMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fpdf%2Fbak%2Fv9n2%2Fa04v9n2.pdf&usq=AOvVaw32v-DawjlmHKepnSmC03CJ>> Acesso em: 7 mai. 2018.

GRANDO, Katlen Böhm. **O letramento a partir de uma perspectiva teórica:** origem do termo, conceituação e relações com a escolarização. Artigo apresentado em: IX ANPED SUL- Seminário de pesquisa em educação na região sul. 2012. Disponível em:
<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKewilgfl3mPTaAhWFyVMKHQ2EAXEQFggoMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ucs.br%2Fetc%2Fconferencias%2Findex.php%2Fanpedsul%2F9anpedsul%2Fpaper%2Fview%2F3275%2F235&usq=AOvVaw046xjwsq542-1HTIDwbn7>>
Acesso em: 7 mai. 2018.

JORDÃO, Clarissa Menezes. BÜHRER, Édina Aparecida Cabral. A Condição de Aluno-Professor de Língua Inglesa em Discussão: estágio, identidade e agência. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 669-682, abr./jun. 2013. Disponível em:
<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKewic1ezFmPTaAhWE21MKHSB6AxIQFggoMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fpdf%2Fedreal%2Fv38n2%2Fv38n2a18.pdf&usq=AOvVaw1_d8s5hziHsNXUnMMBI1k5> Acesso em: 7 mai. 2018.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso ensinar o “letramento”?** Não basta ensinar a ler e escrever? Ministério da Educação, 2005. Disponível em:
<http://docplayer.com.br/16280045-Preciso-ensinar-o-letramento.html>> Acesso em: 7 mai.2018.

PAIVA, Maria da Graça Gomes. Os desafios (?) do ensinar a ler e escrever em língua estrangeira. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; et al. **Ler e escrever:** compromisso de todas as áreas. 8. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. Disponível em:
<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKewiE9brH5cPaAhWBDpAKHe59CW0QFggnMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.educadores.diaadia.pr.gov.br%2Farquivos%2Ffile%2Fformacao_acao%2F2semestre_2015%2Fanexo_dedi_lingua_estrangeira.pdf&usq=AOvVaw31qFwb-SdHf2Fb3m1gYkjb> Acesso em: 7 mai. 2018.

SCHLATTER, Margarete. O ensino de leitura em língua estrangeira na escola: uma proposta de letramento. In: **Calidoscópico**. vol. 7, n. 1, p. 11-23, jan/abr/ 2009.

Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj--p2qI_TaAhWC7IMKHARCAMQFggoMAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.unisinos.br%2Findex.php%2Fcalidoscopio%2Farticle%2Fview%2F4851%2F2109&usq=AOvVaw03H5fz61VTY3FdHSuGuXNX> Acesso em: 7 mai.2018.

SILVA, Laureci Ferreira da. **Letramentos acadêmicos: conflitos e tensões**.

International Congress of Critical Applied Linguistics. Brasília, Brasil. 2015. Pp. 1306-1321. Disponível em:

<[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjEh_XElFTaAhVPIpAKHRz2AbkQFggoMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.uel.br%2Fprojetos%2Ficcal%2Fpages%2Farquivos%2FANAIS%2FFRATICA\(S\)%2FLETRAMENTOS%2520ACADEMICOS%2520CONFLITOS%2520E%2520TENSOES.pdf&usq=AOvVaw2KLjjiEraGd3TMrgoAHhhOk](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjEh_XElFTaAhVPIpAKHRz2AbkQFggoMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.uel.br%2Fprojetos%2Ficcal%2Fpages%2Farquivos%2FANAIS%2FFRATICA(S)%2FLETRAMENTOS%2520ACADEMICOS%2520CONFLITOS%2520E%2520TENSOES.pdf&usq=AOvVaw2KLjjiEraGd3TMrgoAHhhOk)> Acesso em: 7 mai.2018.

SIVOLELLA, Maria Filomena Ferme. 2005. **A leitura no processo de aprendizagem em língua estrangeira no ensino médio**. Rio de Janeiro, 2005.

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjpi_rLI_TaAhVOvIMKHbFdDA8QFggoMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.avm.edu.br%2Fmonopdf%2F8%2FMARIA%2520FILOMENA%2520FERME%2520SIVOLELLA.pdf&usq=AOvVaw39it7H9E_3Yd68223LVheg Acesso em: 7 mai. 2018.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 1999.

SOBRAL, Adail Ubirajara. MARTINS, Maria Waleska Siga Peil. A construção identitária de professores de inglês em cursos livres. In: **Leia Escola**, Campina Grande, v. 14, n. 1, 2014 – ISSN 2358-5870. Pp. 12-23. Disponível em:

<<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/download/324/254>> Acesso em: 7 mai.2018.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In: MAGALHÃES, Izabel. **Discursos e Práticas de Letramento: Pesquisa Etnográfica e Formação de Professores**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2012. P.69-92. (Coleção letramento, educação e sociedade)

UNESCO. **The Plurality of literacy and its Implications for Policies and Programmes**. UNESCO Education Sector Position Paper. 2004. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001362/136246e.pdf>> Acesso em: 7 mai. 2018.

WATERMANN, Hedi. SILVA, Maria Ângela Garghetti. TONELLO, Natiele. NARDI, Nádia Lúcia. LEITURA EM LÍNGUA INGLESA. **Revista Voz das Letras**. Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 10, II Semestre de 2008.

Disponível em: <https://docgo.net/philosophy-of-oney.html?utm_source=watermann>

Acesso em: 7 mai.2018.

WINCH, Gordon. et. al. Introduction: Literacy in the Modern World. In: _____.

Literacy: Reading, Writing and Children's Literature. 5. ed. South Melbourne: Oxford Australia, 2014.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA
Pesquisadora: Graduanda Joseane Batista

1. Você faz curso de inglês fora da universidade? sim não
Em caso afirmativo, em que nível você está? _____
2. Você considera a leitura em língua estrangeira importante? sim não
3. Qual o seu contato com textos em inglês? pouco muito nenhum
4. Você costuma ler livros em inglês? sim não as vezes
5. Você costuma utilizar plataformas eletrônicas e/ou recursos digitais (pdf, Watpad etc.) para ler em inglês? sim não as vezes
6. Quantos livros em língua estrangeira você lê (ou já leu) por ano?
 entre 1 e 5 entre 5 e 10 acima de 10 nenhum
7. Você tem dificuldade em compreender textos em inglês?
 um pouco muita nenhuma
8. Você tem dificuldade em atribuir significados a partir de textos em inglês?
 um pouco muita nenhuma
9. Você tem dificuldade em produzir textos escritos em inglês?
 um pouco muita nenhuma
10. Em que habilidade da língua inglesa você se considera mais fluente?
 oralidade (*speaking*) compreensão/interpretação (*reading*) escrita (*writing*)
 todas nenhuma

Obrigada pela sua colaboração!